



ID: 75303958

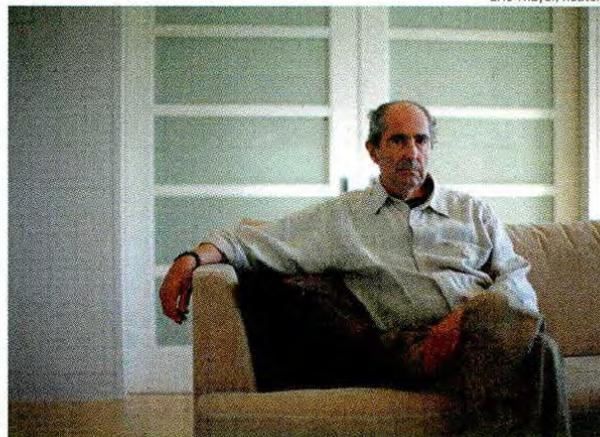
05-06-2018

RELATÓRIO
E CONTASRUI PATRÍCIO
Advogado

A bexiga do deputado Camoesas (de Roth às frentes cívicas)

Gosto do dito espirituoso atribuído a Brito Camacho sobre as horas em que o deputado Camoesas discursou no Parlamento para dar tempo de composição do quórum a jeito para uma moção (aliás, de balde, porque os deputados em falta chegaram, mas a moção teve o destino oposto ao pretendido pelo estratagema). Disse ele, com a fina ironia que cabe aos enfatuados e aos que confundem o essencial com o acessório, que, mais do que a oratória do deputado, admirava-lhe a bexiga. Várias vezes me ocorre a inspiração de Camacho.

Por exemplo, a respeito dos obituários de Philip Roth, um dos escritores do meu panteão, a ponto de por vezes o apontar (nas conversas meio tolas em que elegemos) como o meu preferido e autor de livros magníficos, com "A Mancha Humana" à cabeça. Ora, disse-se de Roth coisas como: "era um misógino", "coisificava as mulheres", "amesquinha o judaísmo", "só pensava em sexo". Se calhar é verdade, tudo ou algumas coisas, mas, com o devido respeito por opinião contrária e pelos cultores da correção, isso pouco me importa, por duas razões: uma, porque o que interessa é se ele escrevia bem ou não, e para mim escrevia; outra, porque não me parece que o escritor tenha de ser um exemplo de virtude e boas maneiras, nem que tenha, como escritor, de ser avaliado por



isso; e se fosse, duvido de que desse um bom escritor, porque a arte e a vida não são lençóis puros e alvos. Não confundamos, pois, o essencial com o acessório, nem matem a arte com distúrbios obsessivos compulsivos sobre correção, que isso ou dá tédio ou dá hipocrisia, ou mesmo uma pontinha de fascismo (político, de costumes e/ou de pensamento).

E de Roth passemos para as frentes cívicas, que têm palco e holofotes em Portugal, e às quais alguma comunicação social dá um longo tempo de antena (admiráveis bexigas!), só comparável aos milhões de visua-

lizações que certos disparates têm no mundo virtual (transformando indigentes de espírito em estrelas instantâneas). Li uma entrevista de um celebrado frentista cívico, da qual, além da perfeição da incoerência, retive três coisas. Primeira, o frentista tende a confundir os princípios em si mesmos com a sua aplicação consoante o que lhe agrada ou desagradava, como se a liberdade, por exemplo, fosse boa quando serve para ele dizer o que quer (e tem todo o direito, apesar de esquecer por vezes a diferença entre liberdade e má-criação ou mesmo calúnia), mas já não fosse

quando dá aconchego a que outros digam o que lhe não cai no goto. Segunda, apregoa o seu amor aos tribunais, mas só quando as decisões vão ao encontro do que ele julga ou diz que está bem, voltando-se o amor em ódio quando a decisão não é a que ele queria. Ora, ou se respeita ou não os tribunais, institucionalmente, sejam as decisões vermelhas, verdes ou azuis; o que não é possível é dizer que são uns santos quando pintam com as cores de que gostamos e que são uns demónios quando as cores são outras. O respeito pelas instituições vale como princípio em si, e todos os dias da semana. Terceira, o frentista tende para os processos de intenção e/ou para as afirmações "fortes" sobre pessoas que nem conhece e/ou sem apresentar provas, mostrando que a essência dos valores que diz endear importa-lhe pouco, invocando-os apenas quando servem para propagandar o que quer e acha tributário da alvura e da pureza que se arroga. Ora, não é assim que se ganham moções verdadeiramente cívicas, por mais longa e ruidosa que seja a oratória e por mais resistente que seja a bexiga. ■

O respeito pelas instituições vale como princípio em si, e todos os dias da semana.

Artigo em conformidade com o novo Acordo Ortográfico